

## Nova folk... velha soul Os supergrupos

Nas décadas de 1960 e 70 o termo *supergrupo* detinha uma aura mágica, designando músicos ilustres *per se*, que se juntavam para criações conjuntas – pausa sentida *in memoriam* dos Cream, Blind Faith, Emerson, Lake & Palmer (que mal que envelheceram) e Crosby, Stills & Nash (mais tarde CSN & Young). Amiúde estas associações implodiam vítimas dos egos desmesurados dos seus membros e das habituais dietas indulgentes de álcool e drogas, não sem antes terem alimentado a curiosidade insaciável dos *media* e o gáudio dos fãs. Quiçá por isso as experiências não se tenham multiplicado, ou tenham ficado circunscritas à Segunda Liga do *Who's Who* do *rock*. Em 2009 um grupo de patuscos e talentosos músicos americanos reeditaram a fórmula, salva da pompa pelo sentido de humor indiciado no título escolhido – Monsters of Folk.

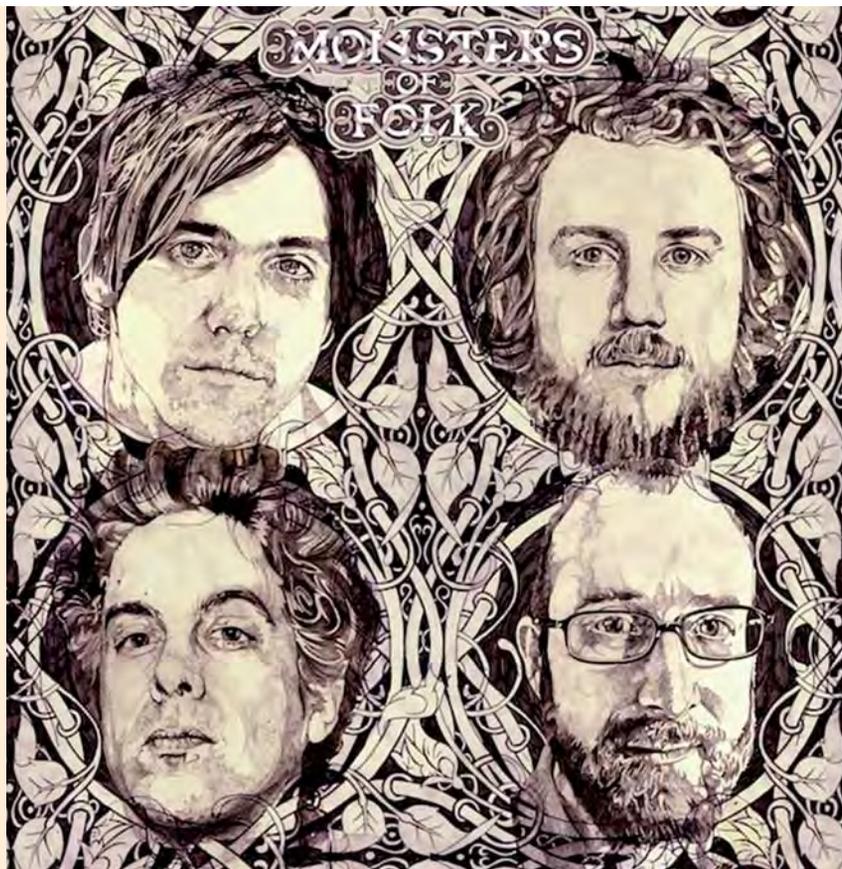
### Monsters of Folk

Os Monsters of Folk são a mais recente e salivante proposta de supergrupo, integrando alguns dos nomes de maior culto no *rock* alternativo, a saber: Conon Oberst, Mike Mogis, M. Ward e Jim James.

Os dois primeiros convivem nos Bright Eyes, projecto maior de Oberst. M. Ward exhibe uma longa e idiossincrática discografia a solo com um perfume *retro*, bem como de músico de estúdio (junto a Oberst cavando o fértil húmus nutritivo das raízes da música americana), e Jim James lidera os My Morning Jacket, uma das mais proeminentes bandas do nóvel *rock* americano.

Uma bem sucedida e descomprometida *tournee* em 2004 motivou uma vontade de gravar, finalmente concretizada após longa gestação, o disco consagrando o prazer de tocarem juntos em atmosfera distendida.

O termo Monsters of Folk é irónico, bem humorado e deceptivo. Irónico porque ne-



nhum dos componentes, posto que reverenciado na sua categoria, é um monstro sagrado. Bem humorado porque brinca com essa falsa megalomania e, quiçá, com o ar hirsuto de dois deles. Deceptivo porque a sua música está longe de se restringir à *folk*.

### Monsters of Folk (Rough Trade – 2009)

O maior triunfo do projecto foi haver logrado deixar de fora os egos insuflados e suscitar cada membro a contribuir com o seu melhor material. E se as canções soam por vezes a pretexto para passar uns *good times* com os colegas, a sua qualidade transcende qualquer porreirismo indulgente. Ainda que alguns temas não sejam inesquecíveis e outros apresentem uma qualidade de quase-*demo* (*Goodway*, *Slow Down Jo*), a maioria das canções não envergonha a produção antes conhecida destes Monstros.

O álbum abre com o melhor tema, *Dear God*, uma invocação desencantada a Deus (*leitmotiv* noutras passagens de James) in-

troduzida por cordas e harpa, com desenlace contudo pouco celestial, em malhas de um *trip-hop* gentil e atmosférico.

James, Oberst e Ward cantam cada um a sua estrofe, mas é Jim James quem rouba a cena, o mais dotado de todos no departamento vocal.

Aliás, houvera que se escolher a segunda melhor faixa e iria o galardão para o tema final *His Master's Voice*, também de James, com a sua natureza orgânica evocando as inspiradas paisagens sonoras dos Fleet Foxes.

A distribuição vocal dos 15 temas é democrática, Oberst, Ward (o mais rugoso) e James cantando cada um cinco deles. Mas é nas inspiradas harmonias vocais que o álbum se supera e a expressão *supergrupo* encontra a razão de ser. Na inevitável busca de arquétipos, são inevitáveis as evocações de Crosby, Stills & Nash e Traveling Wilburys (antes da morte de Roy Orbison).

## DISCOPATIA Nova folk... velha soul / Os supergrupos



E se **Discopatia** lhe tira o chapéu é porque a sensibilidade e curiosidade dos seus directores lhe permitem albergar e promover projectos que, no seu amor pela música, em muito escapam às apertadas malhas do *hip-hop*.

Se a jóia da coroa do seu fértil catálogo é o consagrado Madlib, dois outros novos recrutados assinaram dos álbuns mais contagiantes de 2009.

*Ladies and gentlemen*, bem-vindos à arte de Mayer Hawthorne. E, na próxima **Discopatia**, de Dâm-Funk e James Pants.<sup>1</sup>

### Mayer Hawthorne

Pergunta/repto à *intelligentia* (e ao vulgo): como realizar um álbum de género (*soul* ou outro) no século XXI, furtando-se ao anátema purista e acusador do *pastiche*, da pilhagem, da cópia reles?

Mayer Hawthorne é o *nom de plume* (junção de um dos nomes do autor e do da sua rua) de Andrew Cohen, branco nativo dos subúrbios de Detroit, a outrora capital da música negra dos Estados Unidos. De aparência entre o *nerd* e o *betinho*, com óculos *retro* e gravata *passée*, Cohen ganhava a vida como DJ de *hip-hop* (DJ Haircut), cultivando na intimidade uma

E Mogis? Se bem que o menos mediático de todos (embora superprodutor de inúmeros nomes da cena independente), a ele se deverá a maior quota-parte de sucesso da empresa, arquitecto sonoro, produtor atento, multinstrumentista dotado e elemento aglutinador.

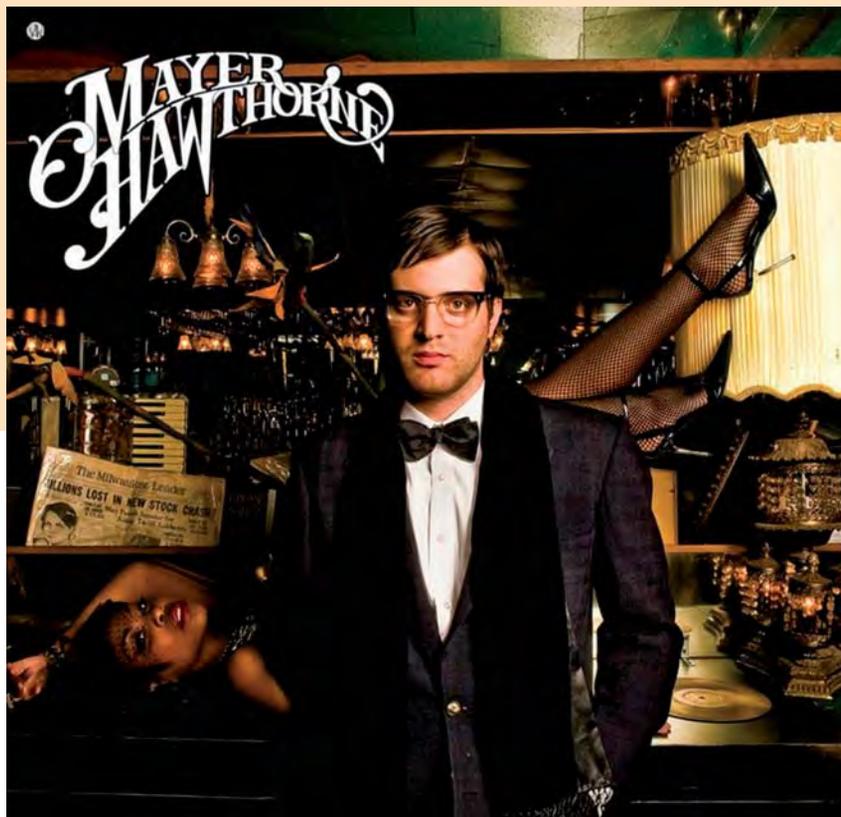
Como disse, a *folk* não é mais que uma referência topográfica no mapa sonoro dos Monsters, cujo álbum diverso contempla sugestões do *rock* dos anos 70 (*Say Please, Losin' Yo' Head*), *rockabilly* (*Whole Lotta Losin'*), *country & western* (*The Right Place*), *spaghetti western* (*Man Named Truth*), *bluegrass* (*Goodway*) e intimismos com encantadora guitarra acústica (*Ahead of the Curve, Temazcal*).

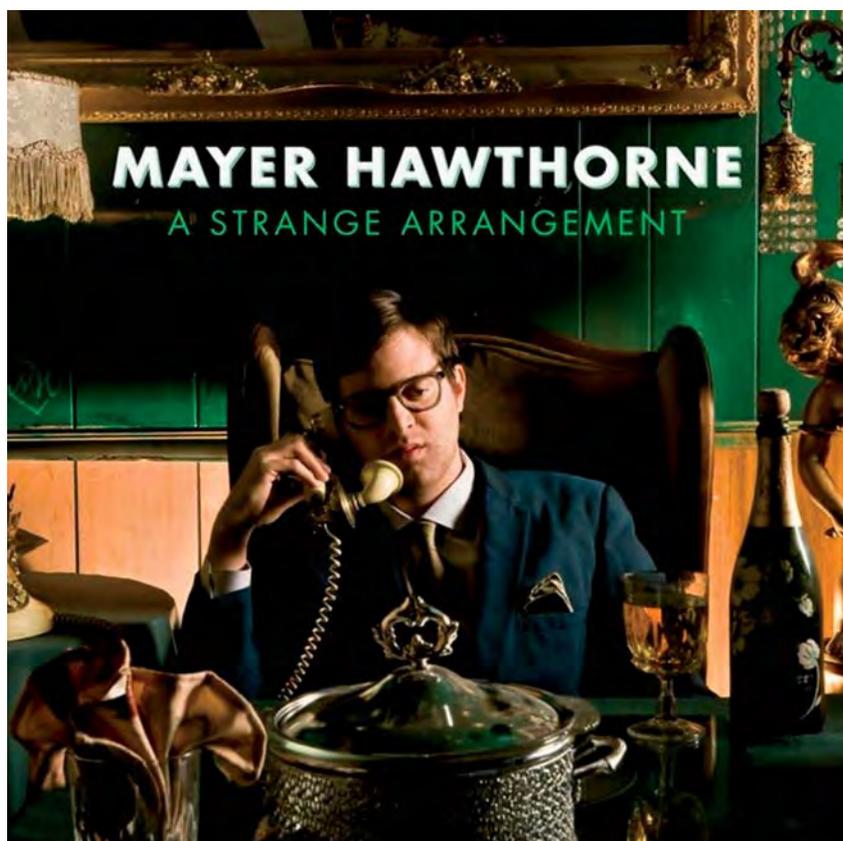
E talvez resida neste sábio doseamento o êxito do álbum, já que a solo nenhum dos autores gravara até hoje um álbum totalmente interessante. Os músicos transfiguraram-se em artistas a solo em banda onde cada um, fascinado pela parceria, inspira o próximo. Por uma vez num supergrupo, o todo resultou maior que a soma das partes!

### Stones Throw Records

A talvez mais interessante editora actual de

*hip-hop* está sediada em Los Angeles, onde foi fundada em 1966 pelo produtor e DJ Peanut Butter Wolf.





O próprio Mayer Hawthorne (*I'm old-school but I'm also a technology guy*) deslinda a dúvida e define o programa: «O meu álbum é em partes iguais Jay-Z [*rapper de hip-hop*] e Smokey Robinson. Embora fortemente inspirada pela Motown, esta é música nova para uma nova geração.»

*A Strange Arrangement* é o álbum mais curioso de música *soul* que aterrou em tempos recentes no leitor de CD's de **Discopatia**, e infinda a sua lista de influências, óbvias e detectáveis – Curtis Mayfield, Smokey Robinson, Temptations, Delfonics e Stylistics (os coros *doo-wop*), JB's e Bar-Kays (os metais), Supremes, Four Tops, Martha Reeves & Vandellas. Enfim, a nata da gloriosa e intemporal música *soul*.

Um álbum, sem dúvida, de género, das infeciosas baladas *soul* – *Shiny & New, I Wish it Would Rain* – aos puros temas Motown, servidos por cuidados arranjos vocais de cordas e metais e propulsionados por um baixo (o primeiro instrumento de Hawthorne) pulsante. Mas, mais que uma recriação submissa, um trabalho artisticamente sentido («o poeta é um fingidor»), respirando classe e sofisticação numa perspectiva não passadista.

particular devoção pelos preciosos catálogos das grandes etiquetas *soul*, como a Stax e, sobretudo, a Tamla Motown.

produção, apostando numa (re)gravação moderna de qualquer álbum obscuro e injustiçado dos anos 60.

Para o êxito contribuem as magníficas e curtas canções (numa minutagem «à

Reza a lenda, ou assim nos querem fazer crer, ter Cohen enviado uma *demo* do seu trabalho à Stones Throw. Por entre a homogénea massa de *hip-hop*, constavam dois temas *soul old-school*, que os responsáveis da etiqueta supunham *remixes* de um qualquer velho *hit* esquecido.<sup>2</sup> Incrédulos com o reconhecimento da autoria do tema por Cohen, comissionam-lhe um álbum inteiro nessa linha, algo que nunca lhe passara pela cabeça.

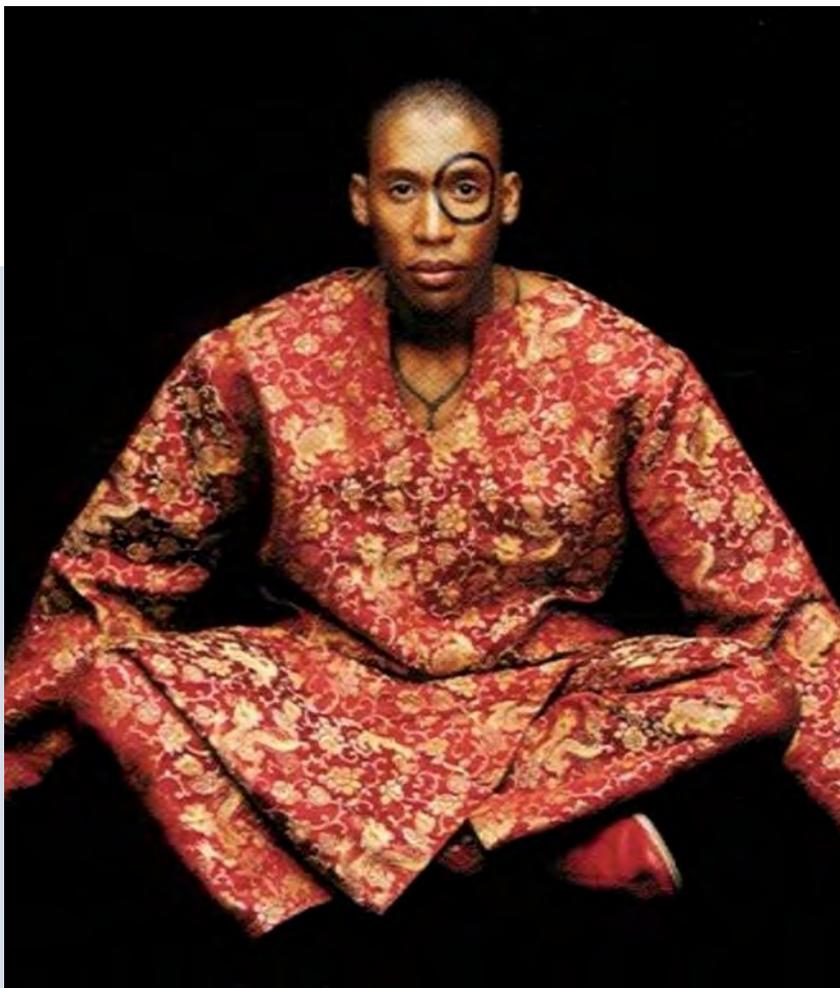
#### A Strange Arrangement – Mayer Hawthorne (Stones Throw)

Não resisti ao seguinte teste: pegar em dois amigos amantes da música *soul* e realizar uma audição cega de *A Strange Arrangement*.

O primeiro amigo, de conhecimento enciclopédico, manifestou a sua perplexidade e embaraço pelo desconhecimento do disco e do cantor, decerto coevos (assim ele o julgava) dos *golden days* da *soul music*.

O segundo, mais prudente e avisado, detectou sinais de contemporaneidade na





antiga», com *fade-outs* apressados), todas originais à excepção do imparável *single Maybe So, Maybe No*, *hits* certos noutras vozes, já que a de Hawthorne, um expressivo *falsestto* constipado, com o grão autêntico reproduzido do *pathos* dos grandes vocalistas *soul*, não será o seu maior trunfo. Nem ele mesmo, subtraído inesperada e felizmente à Segunda Liga dos produtores e DJ's, sonharia com tão grande e imediata projecção, sem notórias credenciais, gravando o álbum na reclusão do estúdio de Los Angeles, tocando a maioria dos instrumentos, arranjando, misturando, produzindo.

*Retro-soul?* *Neo-soul?* Incumbam-se os maniacos dos rótulos e categorizações de classificar a música de Mayer Hawthorne. Para **Discopatia**, mais que um *strange arrangement* ela é, parafraseando o autor, a *grand engagement*.

### The Way It Is – Raphael Saadiq

Em que buraco inóspito tem estado metida a **Discopatia** para desconhecer a existência

de Raphael Saadiq, mais um emérito (o melhor?) cultor do *retro-soul*? E que crédito merecerá junto dos leitores após tão indesculpável ignorância?

E no entanto **Discopatia** já bordejou a obra deste californiano, nomeadamente na produção do excelente *Introducing Joss Stone* (a qual retribui com a vocalização num dos melhores temas do álbum, o dueto *Just One Kiss*).

Nascido em Oakland em 1966, Raphael tocava baixo na escola e na igreja, o que decerto informou a pulsão rítmica de muita da sua produção futura. Após a Universidade recebe um convite de Prince para integrar a *tournee* do álbum *Parade* e forma o grupo Tony! Toni! Tone! com o irmão Dwayne. Antes de uma tão bem sucedida quanto pouco mediatizada discografia a solo, Saadiq integrou ainda os Lucy Pearl. Mas no meio musical Raphael é sobretudo venerado pelo seu trabalho de produção (Macy Gray, D'Angelo, Joss Stone), composição e instrumentação.

Muitas das premissas expostas sobre o álbum de Mayer Hawthorne podem ser recuperadas a propósito de *The Way It Is*, também ele um trabalho de homenagem ao idioma *soul* e às suas casas-mãe, a Motown e a Stax, aumentado de piscadelas de olho ao *gloss* do som de Filadélfia (T.S.O.P.).

A lista de influências é comum a Hawthorne (ver acima), podendo-se acrescentar ao rol Sam Cooke, os Funk Brothers (a lendária secção rítmica da Tamla Motown) e Stevie Wonder, que faz uma breve aparição no álbum através de um inimitável solo de harmónica em *Never Give You Up*.

O maior traço distintivo entre os dois autores estará nas vozes – asmática a de Hawthorne, quente e emotiva a de Saadiq. Num cotejo entre os dois álbuns, *The Way It Is* será mais *souful*, com mais *swing*, mais negro em suma, embora com o mesmo aroma anos 60 e cheio dos mesmos *clichés* linguísticos (*ooh, baby ...*), coros *doo-wop*, arranjos de metais e cordas.

Todos os temas são da pena de Saadiq (que também produz, arranja e toca a maioria dos instrumentos) e *hits* potenciais, das baladas sentidas – *Just One Kiss*, *Oh Girl*, *Calling* (com uma *intro* hispânica e *kitsch* – *ya no puedo más...*) e o *heartbreaker Sometimes* – ao trepidante *100 Yard Dash*, comandado por um baixo robusto, guitarra rítmica e outro menosprezado instrumento afinal tão influente na sonoridade dançável da Motown – o *tambourine* (perdoe-se o anglicismo, mas resisto à tradução bacoca e folclorista por pandeireta).

Mais que recriar a música *soul* dos anos 60, Raphael captou-lhe a alma. Não sem surpresa, *The Way It Is* não é nostálgico ou imóvel no tempo, antes honesto e moderno, ombreando com *A Strange Arrangement* na disputa pelo ceptro de melhor álbum de *retro-soul* recente.

<sup>1</sup> Se a curiosidade for a força motriz do leitor (é-a para **Discopatia**) *check-out* as intrigantes sonoridades de James Pants no My Space.

<sup>2</sup> Não perca também o delicioso vídeo de *Just Ain't Gonna Work Out*, o primeiro tema escrito por Hawthorne, no incontornável YouTube.

E-Mail: [honorato\\_pim@netcabo.pt](mailto:honorato_pim@netcabo.pt)